

LITERATURA DE CORDEL

RAIMUNDO SANTA HELENA
Folheto 301. Rio, Brasil, 12-10 a 13-11-1992



Ulysses



CIRO

Ulysses

Folheto 301. Rio, Brasil,
12-10 a 13-11-1992

No dia da Padroeira
Do Brasil e por engano
São Pedro choveu no chope
Da festa "anti-Collano":
O Ulysses Guimarães,
O Severo, duas mães,
Mergulham no oceano...

Amor infantil é mel
Com aroma das abelhas
São raios de sol banhando
A superfície das telhas
São borboletas voando
Levemente perfumando
Rosas brancas e vermelhas...

Elegemos um paisano
Mas no Governo foi ruim
Pra combater marajás
E cartéis de "Medellín"
Sem Ulysses não sei não!
Se disser "pega ladrão"
Não fica nem manequim...

As crianças são ovelhas
Num bucólico berçário
E Ulysses Guimarães
No último aniversário
No dia seis com amor
Das crianças foi pastor
Num diferente Plenário...

E nestas mortes assim:
Ulysses; o Marechal
Castello; O Juscelino;
Um Governador Legal
Do Acre; Também Tancredo;
Lacerda; Freire... o medo
Vai além do funeral...

Na TV vi o cenário
Crianças se divertindo
Festejando o Ulysses
Que já estava partindo
Pra morar noutra Planeta
Sem canhão nem baioneta
Sem "PC" Dinda nem Dindo...

Aqui no trem da Central
Eu escrevo meu cordel
Sou um poeta repórter
Verdade é meu quartel
Perdi pais irmãos dois filhos
Mas sinto no som dos trilhos
O coração da Rachel...

Um aniversário lindo
No rematar da missão
De um cidadão do mundo
Honesto bom e turrão
Nunca patinou na areia
Na lama limo na teia
Nunca traiu a Nação...

ULYSSES

Deputado garanhão
Em 11 vezes eleito
Foi mais doutor em Política
Do que mesmo em Direito
E da UNE já foi vice
Foi do Santos e nos disse:
“Linha burra não aceito”...

Com decoro e respeito
Independência lisura
Presidiu Constituinte
E a Câmara “escura”
Que agora clareou
No Planalto governou
Em curta investidura...

Enojava ditadura
Eu também mas vou falar:
Seja do Executivo
Seja a Parlamentar
Ou a do Judiciário
Do pastor ou do vigário
Do civil ou militar...

Ao Sérgio do “PARASAR”
Lamarca da “Resistência”
“O Senhor Diretas Já”
Lhes prestava continência!
De nuvens foi caçador
Pôs fé no vão do “andor”
Deu nó no pó da essência...

Massacrando prepotência
Ulysses marchou na ponta!
Diz um reles inimigo
Num pecado que afronta:
“O diabo que te carregue!”
Helicóptero segue
No vendaval se desmonta...

Já estava quase pronta
A sua biografia
Pois o Luiz Guttemberg
Jornalista escrevia
Aliás escreve ainda
Pois a vida não se finda
Quando a morte principia...

Minha mãe Rosa dizia
Ao morrer recentemente:
“Lampião matou teu pai —
Virou herói no presente.
Herói pra mim eu confesso
É Ulysses. A Deus peço
Pro velho ser Presidente...”

“Foi um cabra competente
Sempre socorreu os Vices —
Um Presidente morreu
E dois fizeram tolices.
Ulysses errou eu sei
Ao dar posse ao Sarney —
Síndrome das gulodices...”

LITERATURA DE CORDEL

ULYSSES

Querem corpo de Ulysses
Para fazer o velório —
Aviões navios sondas
Num rebuliço inglório.
Deixem Ulysses em paz!
Não é funeral que faz
Um morto ficar notório...

Vi o boné ilusório
Chutei as ondas... chorei!
Mas "navegar é preciso"
Lá na praia eu pensei.
Na cadeira sem suplente
Ulysses está presente...
Se Deus quis assim: É Lei!

Doutor Ulysses foi rei
Na vida parlamentar
E em tudo foi tão grande
Que na hora de mudar
Troca o chão do cemitério
Pelo imenso mistério

Das profundezas do mar... FIM

Raimundo Santa Helena, Poeta Repórter
- CP 17.055, Rio, RJ, 21312-970 - Tel.:
359-6165).

Continua Santa Helena:

Se um povo é dividido
Não existe multidão
Só existem mutilados
Quando um pedaço é comido
Não existe reação:
Um por um são devorados!



Santa Helena deu nota 100 para o Informe JB (20-1-92 - MARCELO PONTES),
que divulgou o Cordel sem descaracterizá-lo. Yara Lêdo Maltez

4 RAIMUNDO SANTA HELENA

Rio, Brasil, 26 de março de 1992

O DIA CHRISTINE AJUZ

Uma questão de honra

Indignado com a idéia de se erguer uma estátua ao cangaceiro Lampião em Serra Talhada, Pernambuco, o repentista Raimundo Santa Helena, velho amigo desta coluna, nos pede ajuda: entre as muitas desgraças que promoveu em todo o Nordeste, Lampião matou o pai do cordelista famoso, delegado da cidade de Paraíba; violentou a mãe dele, grávida de cinco meses do caçula da família, e a marcou nas nádegas com um ferro em brasa, como um animal.

No dia 23 de fevereiro de 1991, ao receber a notícia de que o bandido ganharia estátua em praça pública, a mãe, Dona Rosinha Nascimento, suicidou-se. Com isso, o mais novo, Antônio - que é piloto de avião, viúvo e sem filhos - tomou uma decisão: se inaugurarem a tal estátua, investirá contra ela com um avião cheio de explosivos, vingando assim toda a família. O prefeito de Serra Talhada deve pensar duas vezes antes de homenagear o assassino e estupra-dor, ou muito mais sangue há de correr no sertão.

PREFÁCIO de Yara Lêdo Maltez para LAMPIÃO E O SANGUE DE MEU PAI e UM MARUJO NA ESQUINA DO MUNDO, de Raimundo Santa Helena — 1993:

Raimundo Santa Helena nasceu em 6 de abril de 1926 num trole rodando à vara. Sua cabeça nasceu na Paraíba e o restante no Ceará. Seu pai, agricultor e mestre-de-linha da Rede Viação Cearense, Raimundo Luiz do Nascimento, fundador do município de Santa Helena, no sertão paraibano de Cajazeiras, como delegado de polícia morreu combatendo Lampião e mais 65 cangaceiros que invadiram e incendiaram a vila de “Canto do Feijão”, em 9 de junho de 1927 (processo MF-0168-408111/69, da Procuradoria Geral da Fazenda Nacional; Certidão de óbito nº 3.116, livro 7, folha 75, Cartório MSA de “Antenor Navarro”, Paraíba; documentos de 2 prefeitos, da Câmara e de 32 habitantes). Sua mãe “... Rosinha Ferreira do Nascimento, grávida de 5 meses, foi saqueada, violentada e marcada nas nádegas por Lampião (e o seu irmão Ezequiel), com um ferro em brasa, quando Dona Rosinha chorava abraçada ao corpo de seu marido, que jazia no terreiro da casa de vivenda, com um tiro no olho, outro na nuca, e ainda sangrado por Lampião. Além do delegado, mataram seu ajudante, Eliziário e estupraram a velha cega Isabel. Amarraram num banco de tronco, despida e desmaiada, a jovem negra (virgem) Chiquinha de Cajazeiras e colocaram uma vela acesa no ânus dela. Atiraram na caixa d’água que Raimundo Luiz instalara para abastecer os trens, puseram fogo nas residências, no comércio, na capela de Santa Helena e nas matas secas adjacentes. Bêbados, gritando e gargalhando, todos barbados, cabeludos e fedendo, praticaram tiro ao alvo nos animais, panelas, pilões, potes, quartinhas, cabaças, alguidares, postes e isoladores dos fios do telégrafo da ferrovia. Só pararam pra economizar balas pro ataque a Mossoró no dia 13. (“Lampião e o Sangue de Meu Pai”, Raimundo Santa Helena, no prelo; TVE em 27-1-92 – “Sem Censura”; O Dia em 26-3-92 – Christine Ajuz e mais cinco vezes; O Globo em 5-1-92 e mais duas vezes; Jornal do Brasil em 30-1-92 – Dom Marcos Barbosa e mais cinco vezes; Manchete em 28-3-92; revista Domingo-JB em 5-1-92; Diário de Notícias em 30-10-69 e mais seis vezes; Academic Bulletin of Foreign Studies – ISSN – Kyoto – Japão – Junji Sumie, em 1986;

PREFÁCIO de Yara Lêdo Maltez para LAMPIÃO E O SANGUE DE MEU PAI e UMMARUJO NA ESQUINA DO MUNDO, de Raimundo Santa Helena — 1993:

Kasarinlan – Vol. 2 – Nº 1 – Filipinas – Joseph Luyten, em 1986; A Notícia em 31-10-69; UH – São Paulo em 6-11-69; UH – Rio em 1-6-83; Jornal do País – Heli Samuel, em 31-1-85; O Povo na Rua em 19-5-84; NOMAR nº 394 em 1976; livros: “A Marcha de Lampião” – Raul Fernandes – Editora Universitária – Natal – 1980, p. 85; “Perfil do Pensamento Brasileiro” – Sindicato dos Escritores do Rio – 1988, p. de 198 a 227; “Brasil em Cantos e Versos: Natureza” – Glória Pondé, Rosa Riche e Vera Sobral – Melhoramentos – 1992, p. 66; “Os Cordéis de Raimundo Santa Helena o Guerrilheiro da Utopia” – Maria Cecília Malta Valle – UFRJ – Tese de Mestrado – 1988 (no prelo); “O Que é Literatura Popular” – Brasiliense – 1983 — Joseph M. Luyten, p. 59/60; Rádio JB em 10-2-92 – “Encontro Marcado” – Dom Marcos Barbosa)... e mais centenas de referências ao cordelista Santa Helena e à sua produção literária, contidas nos 600 recortes e 225 gravações de rádio e tv arquivados na Cordelbrás. Foi manchete de primeira página: O Globo em 4-3-82, JB em 8-10-84 e O Dia em 3-5-88, sem ser marginal nem autoridade. Com a palavra, Santa Helena:

“Em 28 de fevereiro de 1928, minha mãe Rosinha botou o seu filho de 4 meses nos braços (Toinho) e pegou carona na boléia de um caminhão de carga de algodão, levando também o filho mais velho, com 5 anos (Cândido) e eu, com 22 meses de idade e foi atender ao chamado do escrivão Deoclecio Cypriano Maniçobra, de “São João do Rio do Peixe”, Paraíba, distante algumas léguas de “Canto do Feijão”, atual Santa Helena. Em “São João”, atual Antenor Navarro, o “escrivão de órfãos do Termo...”, diante das autoridades legais manuscreeveu um documento em substituição aos papéis do posseiro número um, meu pai, desde 1918, queimados durante o ataque dos cangaceiros. Mamãe, analfabeta, agradeceu sorrindo, o que não foi lido pra ela e voltamos pra casa, pegando carona num trem que ia de Souza pro Ceará. Algum tempo depois (não me lembro exatamente) eu e meus dois irmãos estávamos tomando banho no pequeno açude comunitário

que nosso pai construía em 1918. De repente fomos expulsos pelo fazendeiro vizinho, “coronel” Bento Teixeira, que se achegou, deu um tiro de espingarda na água e gritou: “Saíam já de minhas terras seus filhos da puta!” Lembro-me que o Cândido (Santo) se encontrava tirando cascas do tronco de cajazeira que ficava à margem do açude, para fazer chá pra mamãe que se achava com febre. Chegamos em casa correndo e chorando. Na mesma hora nossa mãe conseguiu um jumento emprestado ao Joaquim Alves, mas Chico do Trem devolveu o animal e arranjou um burro selado pra nós. Mamãe pegou o documento de 1928 no fundo do baú, montou no burro, pôs o Toinho na frente e eu atrás da sela e a galope rumamos para “Antenor Navarro”, com o Santo correndo na retaguarda. Chegando lá, as novas autoridades leram o documento e disseram: “Dona Rosinha, a senhora é dona das casas. Mas as terras e o açude são do “coronel” Bento Teixeira.” E nos mostrou um documento paralelo, elaborado em 1928, fraudulentamente, dando aquelas terras e aquele açude ao fazendeiro vizinho... cerca de um quinto da cidade.

Maquiavelicamente, no documento que mamãe recebera em 1928 (cujo original está na minha mala de cordel), consta que as 7 casas de herança estavam “em construção”. Note-se a injustiça gritante, maquinada com instintos perversos, com sordidez e cinismo. Nossos legítimos direitos de herdeiros menores foram vilmente postergados com uma frieza diabólica que só envergonha o nosso passado histórico. Meu pai, um idealista, plantou aquele açude comunitário em suas terras, realizando a primeira reforma agrária deste País. Seus irmãos tinham morrido de fome e sede na seca de 1877, em Campina Grande. E ele prometera aos meus avós, que iria fundar uma cidade no polígono das secas, com um açude para os retirantes pobres, a fim de que eles, sem água, não trocassem os seus animais por uma miserável cesta básica com “arroz, feijão, milho, rapadura, sal, carne jabá e fumo”, dada pelos “coronéis” fazendeiros, cujos açudes particulares e exclusivos eram e ainda são ampliados pelas verbas oficiais e pelos braços das frentes de trabalho. É a indústria das secas alimentando os currais eleitorais que perpetuam os poderosos no “Poder”. (O Globo, 28-12-90, o repórter Aziz Filho me entrevista; TVE em 27-1-92, Márcia Peltier

PREFÁCIO de Yara Lêdo Maltez para LAMPIÃO E O SANGUE DE MEU PAI e UMMARUJO NA ESQUINA DO MUNDO, de Raimundo Santa Helena — 1993:

me entrevista sobre a estátua de Lampião em PE; O Jornal em 7-6-70, Austregésilo de Athayde apóia a “OPERAÇÃO MANDACARU”, continuação do projeto de meu pai. Posteriormente, o batizei de “OPERAÇÃO COBRA VERDE”, registrada na Biblioteca Nacional em 1987 – protocolo 002533 e em 1988 – protocolo 002365; Diário de Notícias de 7-6-70 e Jornal do Brasil de 6-6-70, igualmente me apoiando nesse valoroso plano de prevenção contra os efeitos das secas nordestinas, para fixar o homem do campo em suas terras, com segurança e dignidade, evitando as migrações em massa para os centros urbanos sem estrutura para abrigar os “retirantes”, que terminam morando debaixo dos viadutos ou nas favelas já superpovoadas).

Que os leitores me desculpem, pela minha revolta, pela minha xingação: Mas não vejo nenhuma diferença entre a mesquinhez daqueles líderes das elites sertanejas das décadas de 20 e de 30, e a mediocridade das elites dirigentes da atualidade, nos planos nacional e regional. Ora veja! Meu pai fundou aquele município em 1918 e com os cassacos a ele subordinados e a ajuda voluntária do caboclo nordestino, construía uma casa em 48 horas. Como iria, 9 anos depois, quando foi morto, deixar sete imóveis “em construção”? Agora já sei porque: “Em construção” poderiam ser demolidos, com a alegação, absurda, de que “estavam sendo construídos ilegalmente”. Só mesmo no Brasil acontece uma merda dessa! Sob forte pressão, tivemos que abandonar nossas casas e fomos morar de aluguel num quarto alugado ao Sr. Antônio Rolim. Mamãe foi lavar roupa para os comerciantes e fazendeiros salvos pelo seu marido “herói”. E nós, 3 crianças, fomos vender água e cocadas nos trens de passageiros que duas vezes por semana cruzavam o vilarejo fundado por nosso pai, cuja máquina maria-fumaça ou “cafuringa”, bebia água da caixa construída pelo papai “herói”. Aos 27 anos minha mãe perdeu o marido, os bens, os “amigos” e a proteção das leis, mas nunca se vendeu. Lembro-me das lágrimas escorrendo no seu rosto naquela noite de lua, quando ZP com uma nota na mão lhe deu uma cantada! Mais uma Santa: É A MAMÃE!” (Trans-

PREFÁCIO de Yara Lêdo Maltez para LAMPIÃO E O SANGUE DE MEU PAI e UMMARUJO NA ESQUINA DO MUNDO, de Raimundo Santa Helena — 1993:

critico de "Lampião e o Sangue de Meu Pai", no prelo, de Raimundo Santa Helena, "O Rei do Cordel": Jornal dos Sports em 26-10-84, Jornal do Brasil em 9-11-87 e O Globo em 28-12-90. "O Papa da Literatura de Cordel": O Dia em 7-4-89). "Foi tocante ver Raimundo Santa Helena" (Drummond, JB em 16-7-83). No Sabadoyle se sentava ao lado do cordelista (O Globo em 20-5-84). "Foi com verdadeira emoção que li o seu cordel "Adeus, Filho", de tão fundo e doloroso sentimento" (Drummond). Continua Santa Helena:

"No último domingo de dezembro de 1937, com 11 anos de idade, descalço, só com a roupa do corpo (calça curta e camisa de saco de sal), chapéu de palha esburacado, um canivete no bolso e uma velha rede remendada nas costas, peguei o trem misto disposto a fugir de casa em direção ao Ceará, pra matar Lampião, vingando a morte de meu pai. Mamãe, Rosinha Nascimento, entrou no vagão e me disse: "Meu filho, você está dando um pinote no escuro, igualzinho ao seu pai. Agora você já é um homem. Eu não lhe ensinei a ler nem a escrever, porque eu não aprendi e a professora Otília não tem tempo à noite. Mas eu lhe ensinei a contar, a comparar e a matutar. Não tenha medo de nada. Seu pai nunca teve. Tome aqui esta meia velha. Tem umas coisinhas pra você trocar por dinheiro. Cuidado! Não é muito não, porque o ouro que o seu pai enterrou na botija, não tivemos tempo de achar. O "coronel" fazendeiro tomou nossas terras. Você sabe, o Bento. Até as casas. Não temos nada! Quem sabe se esta fuga nas linhas curvas não é uma obra de Deus? Só lhe peço pra não roubar e não dar."

"Prezado leitor. As palavras sábias de minha mãe marcaram profundamente o meu caráter. "Matutar", eu faço até hoje. Isto é, pensar, raciocinar. E depois de "comparar", a decisão sai madura e consistente, galopando nas matrizes da vontade e da verdade, na dinâmica de 3 verbos: TRABALHAR, ESTUDAR e ACREDITAR. Como ex-menino de rua, alfabetizado pela professora Carmen (Rua General Sampaio, 585) e aprimorado pela gloriosa Marinha de Marcílio Dias e Tamandaré (do Comandante Netto e do Aspirante Renato), troquei o

PREFÁCIO de Yara Lêdo Maltez para LAMPIÃO E O SANGUE DE MEU PAI e UM MARUJO NA ESQUINA DO MUNDO, de Raimundo Santa Helena — 1993:

direito de não ser nada pelo dever de ser útil. A minha mãe, a Dona Carmen e a Marinha, me prepararam para um Brasil que não existe: os açudes comunitários levaram meu pai à morte e nossa família à desgraça... e não aconteceu nada! “Nunca faltou água no subsolo do Nordeste. Nunca faltou braço para o trabalho. Nunca faltou coragem ao nordestino... o poder tá nas mãos dos “coronéis” fazendeiros (Pasquim 745 e 746/83: Gabeira, Ricky e Jaguar me entrevistando). No Rio propus a Escola de Aprendizes da PM, para que o policial não pusesse uma arma na cintura como emprego e sim como vocação. E ninguém fez nada! (O Dia em 21-10-73, Gazeta de Notícias em 30-10-73 e O Globo em 17-7-84). E Lampião vai ser a 3ª estátua do Mundo!”

Como você está percebendo, é muito difícil escrever ou falar deste “maravilhoso cabra-da- peste” (O Dia, 11-4-76). Eu prefiro ouvi-lo ou ler os seus escritos. É fácil pra quem tem o talento de um Heli Samuel (“Um grito do poeta”... “Nessa batalha contra a opressão está a atividade de Raimundo Santa Helena.”). Ou para quem tem a sensibilidade de um Paulo Roberto Mulatinho (Tribuna do Norte, Natal, 5-6-83)... “Raimundo Santa Helena é dessas criaturas que, se não existisse, a gente fazia abaixo-assinado reivindicando ao Criador. O Homem é extraordinário: prepara o tempo, faz chover, desaba temporal, estia, abre o Sol... é um mágico.” Seus cordéis mais divulgados são: NICA-RÁGUA: 19 vezes; GARRINCHA: 15 vezes; e AIDS: 14 vezes. De graça!

“Lampião e o Sangue de Meu Pai” é o primeiro livro em prosa de Raimundo Santa Helena, que será lançado no dia 9 de junho de 1993, aniversário da morte de seu pai (66 anos). “Um Marujo na Esquina do Mundo” deve ser lançado no dia 23 de agosto de 1993, quando Santa Helena comemora 50 anos de Marinha, com uma exposição alusiva. Num espaço deste folheto de cordel, eu tento transmitir aos leitores a riqueza literária deste poeta, ainda escondida nas gavetas da “Bibli” (local de estudo de nossos três filhos ausentes). Santa Helena, antes de ter trabalhado em Fortaleza como “tirador-de-barato” no “Curral

PREFÁCIO de Yara Lêdo Maltez para **LAMPIÃO E O SANGUE DE MEU PAI** e **UM MARUJO NA ESQUINA DO MUNDO**, de Raimundo Santa Helena — 1993:

das Éguas” e de ter usado a roupa de saco do “SENTA” pra ir pro Amazonas, ele foi: Vendedor ambulante e caixeiro em Santa Helena, “Barbatana”, “José de Alencar” e Iguatu, onde foi lenhador e recitou versos decorados nas feiras populares. Quebrou pedras na pedreira de Munguba. Trabalhou na construção do quebra-mar de Mucuripe, com seu padrinho Emiliano. Foi pescador na jangada do Seu Cardoso. Foi peixeiro na Praça da Sé em Fortaleza. Vendeu laranja, verduras, banana seca (Otávio Bonfim). Foi baleiro e pequeno jornaleiro na Praça do Ferreira, nas ruas e nas praias. Trocador de ônibus da empresa de Oscar Pedreira (Jacarecanga). Entregador de marmitas de pensões. Empregado doméstico, etc. Como engraxate na Praça do Ferreira, Santa Helena mandava um dinheirinho todo mês para sua mãe na Paraíba. Como não quis engraxar de graça as botas de um policial de quepe vermelho, foi por ele derrubado e pisoteado violentamente. Refugiou-se, sangrando, nas “Lojas Brasileiras” de onde foi enxotado. Entrou no cine “Majestic” e uma senhora bonita de cabelos grisalhos lhe deu um endereço em Fortaleza (Rua General Sampaio nº 585), onde a professora Carmen acolheu Santa Helena, deu-lhe um lar, trabalho, estudo e religião. Trabalhando 13 horas por dia e estudando à noite num galinheiro, fez provas e ingressou na Escola de Aprendizes da Marinha, participou da Segunda Guerra Mundial, foi condecorado duas vezes pelo Governo Brasileiro e hoje é ex-combatente remunerado.

Seu 1º cordel (“Fim da Guerra”) foi lançado em 8-5-45. Seu penúltimo, nº 300 (“Brazilian Amazônia”), foi lançado na ECO-RIO-92, com repercussão internacional e está sendo divulgado, com uma camiseta da capa ampliada, pela loja “Kitschen” (15 Christopher Street, New York). Raimundo Santa Helena foi citado favoravelmente mais de 2 mil vezes pela imprensa nacional e estrangeira, conforme registro em 600 recortes de jornais, revistas e livros e 225 gravações de rádio e TV, arquivados na Cordelbrás. Sua palestra número um, sobre Literatura de Cordel, foi realizada em 1980 na CUP, Jacarepaguá. A 350 foi em 1992 na FEUC de Campo Grande. Apresenta-se com os cantadores repentistas. As capas de seus cordéis são ilustradas por Ciro, Joel, Marcelo, Erivaldo, etc.

PREFÁCIO de Yara Lêdo Maltez para LAMPIÃO E O SANGUE DE MEUPAI e UM MARUJO NA ESQUINA DO MUNDO, de Raimundo Santa Helena — 1993:

8885 Raimundo Santa Helena fundou a CORDELBRÁS. No pleito de 25-8-83 da Academia Brasileira de Letras, teve 4 votos (Antônio Houaiss, Cyro dos Anjos, Orígenes Lessa e Otto Lara Resende). Recebeu uma oferta de 10 mil dólares pelo seu acervo de Cordel incluindo os rascunhos, mas resolveu doá-los à Casa de Cultura São Saruê, Rua Leopoldo Fróes, 83, Santa Teresa, Rio, idealizada por D. Íris Pereira Bizarro e concretizada pelo general Umberto Peregrino. Antes da morte trágica do nosso filho, Renato Luiz, aspirante do 4º ano da Escola naval (1986), Santa Helena se correspondia com centenas de pessoas físicas e jurídicas, inclusive 14 universidades estrangeiras e mais de 100 bibliotecas no Brasil e universidades também. Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freyre, Luís da Câmara Cascudo, Jorge Amado, Tancredo Neves, Marcos Freire, Alyrio Cavallieri e o Papa, foram alguns dos ilustres correspondentes. Fundou e registrou a Academia Brasileira de Cordel (ABC) em 1984 (com os colegas) mas desistiu em nome da ética, pois já existia a ABC em Fortaleza, dito por Eno Teodoro Wanke. No 2º domingo do mês Santa Helena está na Feira de São Cristóvão com os repentistas Miguel Bezerra, Zé Duda, Moisés e Medeiros.

Em 1983 Santa Helena foi agraciado com o “Prêmio Porto de São Mateus de Resistência Cultural”, ao lado de Gilberto Freyre, Augusto Ruschi e Jorge Amado. Com apoio dos pesquisadores, alunos, professores, colegas e da imprensa, liderou e venceu a batalha contra o dicionário do MEC que renegava o valor do Cordel. Capas de seus folhetos ilustram livros no Japão e na França. Tem mais de 2 milhões de exemplares circulando por aí, inclusive um cordel em 10 línguas. A Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel (fundada pelo mestre Rodolfo Coelho Cavalcanti) conferiu a Raimundo Santa Helena os seguintes títulos: “Sócio Benemérito”, “Medalha de Ouro”, “Honra ao Mérito”, “Glória à Arte”, “Medalha Castro Alves”, “Trovador nº 01 do Ano de 1980”, “Cidadão da Cultura Popular”, “Cavalheiro da Ordem dos Cantadores” e “Cavalheiro e Comendador da Ordem dos Cantadores”. (Yara Lêdo Maltez, Madrinha dos Trovadores do Brasil. CP 17.055, Rio, RJ, 21312-970).

Meus cordéis podem ser reproduzidos, com citação do meu nome. Dedicó este cordel à minha neta Rachel. (Vovô Santa Helena)